

Vou contar história. Eu não sou um professor muito criativo, sou até bem cartesiano, tenho uma certa obsessão pelo cumprimento dos programas e dos cronogramas. Certa feita, fui professor em Alagoas, onde conheci o Brasil. Multitarefa, coube-me uma disciplina com o pesado nome de "Formação Sócio-Econômica do Brasil". Vejam o tamanho da responsabilidade. Dividida a turma em grupos para os seminários finais, um deles me pediu para discutir a tal ocupação holandesa, que recém percebiam havia sido abrangente ali de suas terras. Bibliografia vai, vem e fomos parar em "Calabar". Pra quem não lembra, uma peça de teatro de um então jovem escritor chamado Chico Buarque. O nome do texto-peça é referência a uma figura peculiar: um talvez traidor que é um dos primeiros nomes anotados de nossa história, reivindicado como herói por sua cidade natal (passava pela Universidade um ônibus de Porto Calvo em letras gigantescas "Terra de Calabar"). As alunas - eram quase todas alunas, bravas, corajosas, muitas mães, trabalhadoras - tomaram coragem pra perguntar: professor, em vez de apresentar um trabalho, a gente pode "encenar" Calabar? Durante um segundo estive suspenso no ar entre minha obsessão cartesiana e programática e a possibilidade da liberdade, da arte e da interpelação e, felizmente, dei a resposta certa. É claro que podiam. E encenaram. Pra turma, pra muitas e muitos outros depois. Um reencontro com a terra, as contradições da luta, o teatro, a possibilidade da criação e Chico Buarque... de Holanda. Educação é não podar asas. Sou muito grato por esse tanto que elas me ensinaram.